

Jorge Waxemberg

**A RENÚNCIA
E
O SENTIDO DA EXISTÊNCIA**

© 2011 CAFH

Todos os direitos reservados

Índice

INTRODUÇÃO	3
1. A NECESSIDADE DE SENTIDO	5
2. AS RESPOSTAS CONTINGENTES.....	16
3. A RENÚNCIA E O SENTIDO DA EXISTÊNCIA	25

Introdução

Este trabalho é dirigido a pessoas para as quais o tema do sentido da vida tem singular importância. Desenvolve-se como um diálogo cuja origem não é só intelectual, mas que é movido pela necessidade vital de se obter uma resposta à pergunta: – Qual o sentido da vida?

Quando formulamos esta pergunta não a fazemos ao passado, às doutrinas filosóficas, às religiões ou aos livros; perguntamos ao ser que vive esta vida e que, por isso mesmo, *deveria* ter uma resposta.

Fazer-nos esta pergunta sacode nossa estrutura interna, na qual temos conseguido desenvolver valores que nos defendem do que não tem sentido, do absurdo, da irracionalidade de viver. Erigimos essa estrutura com muito trabalho, usando os materiais preparados por gerações anteriores; nós a erguemos com as leis não explícitas de nossa época e a revestimos com as teorias da moda. Para muito de nós isto é viver, e está bem.

Mas, está bem? Qual o sentido da vida?

Sente-se o golpe. Então, é fácil cair no engano de introduzir outros temas, desviar a pergunta para um terreno conhecido, apelar aos modelos clássicos, ao sabor amargo das palavras de significado obscuro e das frases enigmáticas, às abstrações teóricas. É fácil voltar a fixar nosso olhar na bagagem empoeirada dos inúmeros livros lidos, exibir os títulos adquiridos.

Mas a pergunta permanece. Vive. Escapa de nossos pensamentos e entra em nossa carne, em nossos ossos.

Existe uma vocação de sentido? É possível não escapar da única realidade certa, nossa ignorância fundamental? É possível que esta busca não se transforme em desespero, destrua nosso equilíbrio, embace a simples alegria de viver?

O que acontece quando se sente a necessidade de sentido como vocação? Tudo muda: a realidade se apresenta de maneira diferente; os acontecimentos têm outra linguagem, dizem outras coisas. Somos diferentes. Caem as cascas do estabelecido, do convencional. Já se torna impossível a resposta rápida, a explicação fácil, o caminho trilhado. Tudo adquire relevo e profundidade; o tempo se torna intenso, vital. Exteriormente nada muda, mas nós mudamos na raiz de nossa consciência de ser.

Então nos perguntamos se, em vez de uma nova explicação, o verdadeiramente importante não é a pergunta como polo que não se equilibra com respostas puramente teóricas, com soluções de escape. Porque perguntar substancialmente não é questionar a própria vida; é um modo de viver, uma atitude frente à vida que sempre conduz para a profundidade da busca, a sinceridade nos valores e a honestidade em nossas respostas vitais.

Não é fácil reduzir o fio do pensamento a palavras simples e raciocínios fáceis, evidentes por si mesmos. Menos fácil ainda é não cair na armadilha da abstração e da irrealidade, emaranhar-se com uma visão subjetiva e parcial, enganar-se com a aparente certeza do raciocínio puro, correto como desenvolvimento, porém irreal como evidência. Mas é uma aventura fascinante na qual descobrimos que a liberdade é um termo que transcende os conceitos restritos em que costumamos aprisionar as liberdades humanas. A liberdade, mais que uma capacidade de agir, pensar ou sentir sem travas, *torna-se nosso ponto de partida*, após o qual redescobrimos a realidade. Porque nos permite desembaraçar-nos do instinto de autodefesa e de justificação e sermos capazes de perguntar continuamente, até suas últimas consequências: Qual o sentido da *minha* vida?

J. W.

Agosto de 2011

1. A necessidade de sentido

O problema da existência é uma questão que vai além da curiosidade intelectual. Estamos vivendo momentos muito difíceis; não é fácil viver, nem mesmo para aqueles que têm tudo o que necessitam: alimentos, casa, assistência e pessoas que lhe dedicam afeto.

Nossa época é maravilhosa. Alcançamos níveis insuspeitáveis de conhecimento e de tecnologia e, no entanto, isso não significa uma liberação para nós. Vivemos defendendo-nos do meio, de outras pessoas semelhantes a nós e que lutam para subsistir da mesma forma que nós; vivemos defendendo as ideias que nos custou tanto adquirir, os bens que não sabemos se poderemos conservar; vivemos justificando-nos não somente perante os demais, mas perante nós mesmos sobre por que pensamos como pensamos, por que sentimos como sentimos, por que somos assim.

É possível que muitos de nós vivamos com certa felicidade e não soframos necessidades graves nem problemas insolúveis; no entanto, participamos da angústia própria da época atual. Não podemos isolar-nos da sociedade que nos circunda, ignorar os problemas que agitam o mundo, circunscrever nossa vida, isolá-la. Nossa vida é, cada vez mais, parte de um todo que nos envolve, pressiona e exige; integra um organismo cuja natureza não conseguimos compreender. Mas, embora os conflitos atuais sejam múltiplos e diversos, todos conduzem a um mesmo ponto, a uma pergunta que poucas vezes nos atrevemos a enunciar. E, quando a formulamos, parecemos estranhos e desajustados; se insistimos em perguntar, faz-se um vazio ao nosso redor e os amigos já não encontram prazer em acompanhar-nos.

Simplemente: a vida tem sentido? Qual é o sentido da realidade? Já não nos interessa saber somente o que acontece, mas para que acontece.

Quando não consideramos esta situação, perguntar é um jogo mental que nos seduz. Tudo pode ser questionado e cada incógnita revelada prepara o caminho para um adiantamento no conhecimento. Toda pergunta é possível e finalmente acabará por encontrar uma resposta. Mas propor o problema do sentido é diferente, é como atrever-se a considerar um tema proibido. Se não é assim, então por que não se fala sobre ele? Assim como ocorre com os problemas fundamentais, ele não é um tópico comum de conversação ou um tema de literatura popular.

Talvez muitos de nós não nos façamos esta pergunta; no entanto, não podemos viver sem ela. Por isso, tentaremos, a seguir, abordar a questão do sentido da existência.

Não é fácil pensar livremente; para tanto é necessário baixar a guarda, deixar de defender-nos, de justificar nossas posturas e nossas opiniões. Esqueçamos por um momento o que somos, o que queremos, o que perseguimos, para que essa sinceridade para com nós mesmos nos permita uma melhor compreensão do que somos e do que realmente ansiamos.

Cada povo em sua época deu suas respostas particulares ao tema da vida, quer explicitamente em ideias filosóficas ou em doutrinas religiosas ou então implicitamente nos valores sobre os quais assentou suas conquistas e viveu sua história. No entanto, nem todos os filósofos deixaram clara e explícita a pergunta sobre o sentido da existência e as respostas costumam ser tão longas ou intrincadas que, ao final, é difícil entender bem o que quiseram nos dizer.

Tem sentido, então, nos propormos esta questão? Não podemos, por acaso, viver sem considerar esta pergunta? É possível e, com efeito, vivemos. Mas isto não invalida a pergunta, mas a torna ainda mais viva e profunda. Mesmo que não queiramos resolver esta incógnita, nós mesmos somos a pergunta.

Para alguns de nós, pelo menos, essa falta de respostas definitivas que possam dar não somente sentido atual à existência como também ao sofrimento humano se traduz em uma necessidade vital de sentido, que é tanto mais imperiosa quanto mais absurda se torna a realidade que nos circunda. Perguntamo-nos como é possível que gastemos horas e horas em divagações e comentários não transcendentais e que não enfrentemos diretamente esta pergunta tão simples: que sentido tem a vida?

Quando crianças talvez nunca tenhamos nos perguntado sobre a finalidade de nossa vida, porque era tácito que nossa família, nossos pais, seus amigos, a sociedade na qual nos desenvolvemos, conheciam o objetivo da existência e tinham certeza da meta para a qual estavam nos preparando. Quando nos convidavam para fazer uma viagem supúnhamos que era para ir a algum lugar; da mesma maneira *supúnhamos* que a vida para a qual estávamos sendo preparados tinha um sentido claro e objetivo. Porém chegou o momento em que, independentemente destas suposições, perguntamo-nos a nós mesmos, questionamos o sentido da vida *em nós*. No entanto, não declaramos esta pergunta; nem sempre nos atrevemos a perguntar sobre o sentido da vida àqueles que nos rodeiam. Não seria, em muitos casos, confrontá-los com a obrigação de reconhecer um fracasso, uma cegueira em tudo o que viveram, e inclusive obrigar-nos a aceitar perante nós mesmos que o que fizemos até agora não tem um sentido final real e definitivo?

Os objetivos que hoje perseguimos como sociedade pressupõem que temos claro o sentido da vida – certamente, de acordo com nosso modo de pensar. No entanto, na prática, estes objetivos estão em conflito aberto com os postulados básicos de nossos conceitos espirituais ou religiosos e são, assim, contrários a nossas declarações éticas.

Esta contradição nos leva a perguntar sobre o sentido porque expressa a questão subjacente em nosso ser, uma pergunta que não verbalizamos e que, no entanto, vivemos como se fosse nossa realidade mais íntima.

Quando nossa vida está distorcida e dividida em múltiplas facetas que mostram cada uma sua verdade e estas não concordam ou se opõem entre si, é mais difícil ainda saber o que é que estamos buscando. Por isso, porque também somos conscientes da contradição que existe em nós mesmos frente ao que dizemos que buscamos em relação ao que realmente

estamos querendo, quando agora perguntamos sobre o sentido, já não nos importa tanto justificar nossa existência perante os demais, mas justificá-la perante nós mesmos. Na verdade, a necessidade fundamental que hoje sentimos é a de *nós* nos justificarmos perante nós mesmos. Não se trata mais de justificar o que fazemos ou tentamos realizar, mas de *justificar nossa existência*.

O ritmo acelerado da mudança de nosso presente não nos deixa outra alternativa. Quando temos consciência de uma mudança, esta já é história; enquanto tentamos visualizar o futuro sabemos que é praticamente impossível informar-nos do que está acontecendo. O ritmo se acelera cada vez mais e nos sentimos à margem de nossa própria história. O esforço para dinamizar-nos nos submete a novas tensões. Somos os artífices das transformações e, não obstante, ignoramos o que estamos fazendo e para quê.

Em outros tempos, alguns poucos seres – Julio César, Leonardo da Vinci – resumiam uma época; mas atualmente cada um de nós sente que modela seu presente, que pode mudar, de alguma forma, o caminho da história. E por isso também nos sentimos no direito de tirar do filósofo o privilégio de perguntar à vida sobre o seu sentido.

Vivemos uma realidade que não conhecemos. Já não nos perguntamos o que vai acontecer e sim o que está acontecendo. Esta angústia existencial nos impõe demanda, pressão. Não estávamos acostumados. O mundo de nossos avós era linear. Tudo era previsível; hoje não. Então, uma questão que pertencia ao filósofo, ao livro encadernado, é hoje apresentada pelo vizinho, pelo cidadão na rua. Porque atualmente é o problema de todos, tanto mais real quanto mais presos estivermos ao vórtice de nosso tempo.

Tudo se modela ao choque com o novo, com o inesperado. As notícias são importantes: temos que informar-nos, estar atentos aos meios de comunicação; temos que estar inteirados, imediatamente; não perder nada. O que aconteceu? O que vai acontecer? Qual é o diagnóstico e qual o prognóstico? Cada instante traz não somente algo novo, mas também uma incógnita: o que vem em seguida? E esse elemento, o novo, o que se antecipa, exerce uma pressão dinâmica. Sentimos a *necessidade* de informar-nos e cada notícia, cada mudança, é hoje motivo de inquietude, incerteza e angústia.

E, no entanto, não perguntamos. Não fazemos *a pergunta* apesar de estarmos pressionados por todos os lados. Porque é preciso coragem, é preciso estar disposto a muitas coisas. Cada um tem seus ideais, seus objetivos, o círculo das pessoas que aprecia. “Para que envolver-se em confusão, não é?” Mas o que acontece é que *cada vez menos podemos não nos envolver na confusão*, nessa confusão de perguntar sem ter a certeza de obter uma resposta.

Primeiro queremos nos sentir seguros, contar com uma base que possa resistir ao embate desta pergunta. Se estivéssemos seguros *antes* de perguntar, poderíamos animar-nos a fazê-lo; se não, seria de mau gosto, incômodo; criar-se-ia uma situação difícil para nós na qual correríamos o risco de não saber como sair dela.

Se posso aceitar uma resposta já pronta não necessito perguntar; não há mais problema. Se pudesse resgatar alguma teoria que satisfizesse minha inquietude intelectual e me dar um consolo em meus sofrimentos seria tão agradável! Teria eliminado esse nó de angústia que é *não saber*. Aceito então respostas estranhas para mim, mas que servem como tela para encobrir a realidade, desenhando sobre ela sistemas e estruturas, explicações que não explicam, mas que tornam a existência mais cômoda porque não me exigem nem me provocam. Escolho o molde comum. Se respondo sem antes perguntar, qual o propósito de perguntar depois?

Não obstante, ainda que não nos perguntemos pelo sentido, ainda que este não seja o tema de conversação corrente, ainda que não procuremos nossos amigos para dizer-lhes: “encontrou um sentido para sua vida?”, sentimos a necessidade vital de justificar-nos.

Hoje, novos caminhos se abrem para a humanidade. O mundo do conhecimento e da tecnologia desloca a fronteira das possibilidades humanas cada dia mais. Diversificam-se os campos de estudo, as profissões, as áreas de investigação, os âmbitos nos quais podemos estender nossa criatividade; inclusive deslocamos nossa fronteira cósmica ao explorar, ainda que incipientemente, o espaço exterior. No entanto, não teríamos que conhecer ou pelo menos investigar nosso espaço interior – aquele que tem ficado totalmente esquecido enquanto nos empenhamos em trabalhar fora de nós mesmos – para conseguir um equilíbrio, uma consciência total, para não continuar fazendo de nosso adiantamento material uma triste casca humana, vazia de sentido?

Toda mudança, toda nova possibilidade é mais um motivo de incerteza e temor. Estamos frente a um panorama que não conhecemos e, frente ao desconhecido, nasce o medo. Não estamos seguros porque nos sentimos na iminência de algo, a ponto de saltar em um vazio que não sabemos se conduz a algum lugar. Temos vertigem frente ao que ignoramos e também devido à nova intensidade do ritmo ao qual estamos submetidos. Quanto mais sabemos maior é o horizonte e o desafio do não conhecido, que não é outro mundo: é o mundo.

Quando o desenvolvimento histórico era lento e linear era muito mais simples contemplar todo o cenário. Contávamos com o que podíamos saber; o que não podíamos compreender, simplesmente “*era assim*”. Todo o panorama nos era conhecido, porque sentíamos que sabíamos ou porque aceitávamos os postulados não demonstráveis que explicavam, sem explicar, o ser, o mundo e seu destino. Tudo era estável, definitivo; nada se podia tocar ou mover do lugar determinado. Fazê-lo era buscar um martírio. A vida das pessoas, sua história e seu porvir, era a obra já escrita que se desenvolvia neste cenário de limites bem claros e definidos. Trocar o cenário, ultrapassar seus limites, acender outras luzes era frustrar a obra e perder o sentido – já estabelecido e seguro – da realidade. Cada um ocupava seu lugar e conhecia seu roteiro.

Agora já não somos donos dos acontecimentos, não podemos mais acomodar a realidade a nossos desejos e menos ainda controlar o ritmo da mudança que supera nossos esquemas e

definições. O cenário que nos servia de marco e determinava a estabilidade de nossos valores desapareceu; já não conhecemos nem nosso papel nem a obra que representamos. Talvez nos neguemos a ver o cerne do problema e afirmemos estar em conformidade com o roteiro que recitamos, mas podemos evitar o sofrimento que implica ignorar deliberadamente o que necessitamos saber? Essa angústia existencial é nosso modo de perguntar.

Meus temores, minha insegurança, minhas dúvidas a respeito dos pontos de apoio que sempre acreditei serem verdadeiros e definitivos *fazem de mim mesmo a pergunta explícita*, aquela que não se pode expressar de viva voz: que sentido tem tudo isto, que sentido tem a vida?

Que sentido tem a vida? Esta pergunta já tão desgastada, tão usada que se tornou banal, tem hoje para cada um de nós um significado profundo e vital. Não surge de uma curiosidade intelectual, não é uma crítica a sistemas e teorias. Tampouco é uma rejeição à vida por conta de suas dores. Surge em nós como uma nova necessidade de compreender, de saber o que somos, o que queremos e o que estamos fazendo da vida neste momento. Por que o fazemos? Para que o fazemos? Já não nos conformamos mais com as respostas que se compram nas correntes ideológicas da moda; necessitamos uma resposta.

Não estaremos criando um problema que não existe? Que segurança temos de não estar intelectualizando a realidade ao formular uma pergunta que ninguém faz? Se não fosse assim, por que este não é o tema de nosso pensamento habitual, de nossos estudos e conversas? Como pode ser atual um tópico que não preocupa ninguém de forma expressa? Milhões de palavras escritas e um número ainda maior de palavras ditas nos saturam e atordoam com análises superficiais, notícias triviais e estímulos instintivos. Quem grita hoje esta pergunta simples, fundamental, como expressão de sua necessidade vital de sentido e não como declaração de um intelectualismo que está na moda porque não está comprometido com a vida?

É que, hoje, viver já não é simplesmente viver. Viver é viver uma angústia. Não nos referimos à angústia e ao sofrimento produzido pela falta de satisfação das necessidades vitais, mas sim a que é originada por uma mudança em nossa consciência. O indivíduo que tem suas necessidades satisfeitas, que come e dorme, que tem saúde, também vive uma angústia.

Existe fome, miséria, ignorância; somos apresentados a todos os estados possíveis de degradação. Buscamos soluções e não as encontramos. Dizemos: “Não é possível que as pessoas vivam e sofram desta maneira; temos que resolver estes problemas”. É verdade; temos que solucionar os problemas materiais. Mas nós, que temos tempo e possibilidades para ler ensaios e assistir a conferências, para divagar contemplando as necessidades humanas, reduzimos nosso mundo a um círculo onde esses problemas não existem ou estão dissimulados. No âmbito em que nos desenvolvemos, as pessoas com as quais trabalhamos e convivemos podem estar bem alimentadas, ter instrução, saber expressar-se e pensar. Não

obstante, para a maioria delas, como também para nós, os problemas pessoais suplantam subjetivamente todos os outros problemas humanos.

Nosso mundo é muito pequeno. Uma pessoa sã, jovem, equilibrada, expõe seus conflitos com tal intensidade como se todos os outros sofrimentos humanos não tivessem importância diante dos seus. Como se a fome, a miséria, a enfermidade, a ignorância, fossem uma abstração intelectual. Então nos perguntamos que problema pode ter: não está faminta, nem desnuda, nem enferma; não está ameaçada, “está bem”. Quando temos um problema pessoal que se apresenta a nós como fundamental tudo o mais perde importância para nós. Não nos damos conta de que nossa maneira de ver o que nos acontece tira de contexto o que está ocorrendo. Nosso desespero diante dos problemas imediatos que monopolizam nossa atenção é alimentado pela angústia de não saber qual é o sentido de nosso sofrimento. Porque a consciência de não sabê-lo não somente é mais forte que a ilusão de acreditar que vivemos com sentido=enquanto só levamos em consideração a nós mesmos, como também faz com que esta ilusão esteja cada vez mais desconectada da realidade.

Como humanidade e como indivíduos temos que solucionar os problemas do mundo, mas, para poder fazê-lo, teríamos que considerá-los todos. O problema do sentido expressa a necessidade de expandir nosso campo de consciência, de saber que fora de mim existe o outro; que o mundo é maior que o meu mundo e que a sociedade não existe somente para que eu me informe sobre ela através dos amigos, dos jornais, dos livros, da televisão. Minha consciência da realidade há de ser total e a necessidade de sentido não é o aspecto menos importante dos problemas humanos. Se encaramos os problemas materiais da humanidade de um ângulo que inclua a necessidade de consciência, é provável que esse enfoque nos permita encontrar soluções que hoje não conseguimos vislumbrar.

Estamos acostumados a dividir a realidade: problemas materiais e necessidades espirituais, comida e desenvolvimento interior, nosso problema pessoal e os problemas dos outros. Ainda não alcançamos uma visão integral da realidade, da sociedade, de suas necessidades, nem de nós mesmos.

Podemos ter a nosso alcance o alimento, a educação e a assistência que necessitamos; podemos trabalhar e desenvolver nossas possibilidades. E ainda assim nos espera, imutável, a pergunta que sacode os alicerces de nossa segurança e nos coloca frente a nosso problema fundamental.

A vocação de *ser* transcende a necessidade de *fazer*.

A luta para obter condições que nos permitam viver e desenvolver-nos oculta ou desloca nossa necessidade de respostas últimas; mas, ao mesmo tempo que lutamos para subsistir, comprovamos que essa necessidade nos é inerente porque persiste sempre em nós com uma intensidade relacionada diretamente com o desenvolvimento espiritual que tenhamos alcançado.

É comum considerar que não tem propósito fazer perguntas que não estão ao nosso alcance atual responder; que, até que os problemas materiais da sociedade não tenham sido solucionados, as divagações sobre o sentido da existência são vãs; que, uma vez que desapareçam os conflitos exteriores, terminarão as angústias, inclusive a necessidade de sentido. Mas os problemas não se ordenam cronologicamente; não se tem primeiro uma necessidade material e depois outra intelectual ou espiritual.

É evidente que a necessidade de sentido não surge depois de termos nos alimentado; nossos problemas não desaparecem quando recebemos salários ou honorários. A busca do sentido da existência não nos faz esquecer os outros problemas humanos, mas somente podemos localizar corretamente estes problemas à luz de uma atitude integral que contemple tanto as necessidades como as possibilidades humanas. E a busca de respostas a perguntas que nos transcendem é o que dá sentido a nosso desenvolvimento, e não o inverso.

Limitar-nos a viver no nível da subsistência não nos satisfaz, não nos dá plenitude. Comer, descansar, trabalhar, divertir-nos, desenvolver algumas capacidades, não significa que encontramos uma resposta, porque o simples fato de viver é uma questão em si mesmo. Na verdade, quanto menos problemas temos em relação à subsistência, mais fracos são nossos pontos de apoio. A luta que envolve enfrentar um problema material estabelece um objetivo; em certo sentido nos justifica. Todo problema que enfrentamos é um desafio que define para nós uma meta, uma ação e uma realização. Este esforço para superar um conflito determina valores que regem nossa conduta e estabelece, ao menos para nós, a medida do adiantamento e o sucesso que alcançamos. E os problemas que superamos são depois suplantados por outros, que renovam nossos objetivos e nos mantêm em uma luta que nos faz sentir que vivemos com sentido, que progredimos rumo a uma realização.

Mas um grande número de pessoas que solucionaram seus problemas econômicos, educacionais e de desenvolvimento são, muito frequentemente, os melhores clientes dos terapeutas ou então de certas correntes da moda, porque viver, por si só, não é solução.

Se fôssemos “sensatos”, provavelmente não nos questionaríamos a respeito do sentido. Para que fazer perguntas que aprofundam e põem em evidência nossa angústia? Por acaso aqueles que se questionaram antes de nós descobriram alguma solução? Não é tácito o acordo de que não há resposta a nosso alcance? Mas este acordo não é solução alguma. “Não há resposta” não é resposta. É por isso que sentimos temor; porque expressar a pergunta é expor o que não pode ser tocado, é afrouxar os alicerces sobre os quais assentamos nossos valores e os objetivos de nossa existência. Estamos tão seguros, tão firmes sobre essas bases, que evitamos com todas as nossas forças uma pergunta que altera o equilíbrio do estabelecido, do convencional. Temos medo.

Fazemos perguntas somente quando nossos problemas não têm mais saída, quando nossas bases cederam e já não temos apoios. Sentimo-nos tão miseráveis que nos perguntamos “afinal de contas, qual o sentido de tudo?” Mas, em realidade, não perguntamos e, sim, reagimos; este é nosso modo habitual de justificar nossa impotência: “quem pode tornar

evidente o sentido da vida?” Mas afirmar que não encontramos um sentido não é o mesmo que perguntar por esse sentido. Simplesmente dizemos que não entendemos. E esta ignorância nos permite desenvolver teorias que dão razão a qualquer atitude diante da vida. Toda posição encontra argumentos que a sustentam. Contudo, a perfeição lógica de um raciocínio não dá maior validade a suas conclusões. Uma argumentação inquestionável pode muito bem fundamentar-se sobre premissas parciais. Frente à incógnita da vida, os raciocínios perdem validade.

Não importa quão sólido e seguro eu me apresente exteriormente; sei que tenho justificativas interiores honestas para minhas atitudes e objetivos, e sei também que a personalidade forte e as opiniões seguras daqueles que me rodeiam e mesmo daqueles que dirigem e orientam outros costumam ser, com muita frequência, somente cascas frágeis que encobrem sua ignorância e debilidade.

Perguntar sobre o sentido é destruir de vez a estrutura do convencional, mostrar a debilidade das estruturas, descobrir a natureza das bases sobre as quais se assentam os valores. É ferir a fundo toda nossa posição frente à vida e frente aos seres humanos, suas necessidades e seus problemas. Por isso não perguntamos; tememos ficar sem apoio, desnudar-nos perante nós mesmos, ver-nos tal como somos como indivíduos e como sociedade. Seria reconhecer as regras do jogo de viver, esse jogo que transformamos em tragédia e desespero, mas que não nos atrevemos a mudar nem tocar a fundo. Já não nos interessa encontrar uma resposta; o importante é *não perguntar*. Porque perguntar é sustentar-se sobre os próprios pés, caminhar por si mesmo.

Não aprendemos a ser livres; somente aprendemos a discutir, a escrever canções ou poesias, a recitar bordões e, talvez, em alguns casos, a matar e morrer em nome de uma liberdade que não sabemos bem em que consiste. Mas se não tocamos nossas bases vivemos sem saber sobre o que nos apoiamos. Se estas se mantêm firmes, mostram sua realidade, mas se não estão é sinal de que *devemos* perguntar.

Estamos em condições de encontrar um sentido para a existência? Podemos saber que papel desempenhamos na realidade que nos compete viver? Contamos por acaso com outra alternativa que não seja a de aceitar a vida tal como é e vivê-la? Hoje temos o direito de formular todas as perguntas, menos as fundamentais, aquelas que sacodem toda a estrutura: elas são tabu. É de mau gosto confessar tabus nesta civilização do conhecimento e da tecnologia. Mas o tabu não está na ciência e sim em nós, dentro das regras do jogo. Analisemos o músico, mas não a partitura.

No entanto, hoje já não podemos evitar este compromisso. A consciência que cada um tem de não saber o que é e o que está realmente fazendo ao viver como vivemos, é uma maneira de perguntar que foge da dualidade pergunta-resposta. E quem sabe agora seja mais importante para nós somente perguntar, porque pressupõe uma liberdade que nos torna independentes dos moldes que fixam e determinam nossas estruturas mentais.

Quando fazemos a pergunta fundamental saímos do molde, enquanto que quem a responde pode fazê-lo sem sair do mesmo. Sua resposta pode ser uma resposta automática, condicionada pelo sistema. Não é sua resposta vital, é a resposta de sua estrutura. Por isso é mais importante, neste momento, ganhar a liberdade necessária para fazer uma pergunta fundamental do que contar com uma resposta para satisfazê-la.

O que é “sair do molde”? Quando tomamos consciência da incógnita de nossa existência e essa consciência se traduz em uma mudança em nossas atitudes vitais, nós nos individualizamos e adquirimos uma nova visão da vida e também uma nova dimensão interior.

Estamos exigindo muito? Não é mais doce submergir-nos na inconsciência e na irresponsabilidade? “Estou vivendo; o que tenho é suficiente para mim e para os meus e ainda posso me permitir alguns gostos. Para que criar problemas com o sentido da vida? Para que isto serviria? – Mas se acredito que indagar sobre a vida é criar problemas para mim, isto significa que tenho consciência de que o problema existe. Por mais que nos esforcemos para fugir do compromisso, não podemos eliminar de nosso interior a inquietude que nos impulsiona a perguntar, estimulados pelo temor e pela insegurança. Talvez este temor e esta insegurança, a pressão a que estamos submetidos na atualidade, sejam na verdade elementos positivos, uma vez que nos movem a confrontar-nos com nós mesmos.

Quem está hoje livre do temor e da insegurança? Alguns dizem que estão seguros, que sabem o que fazem e para onde vão. Mas por detrás desta casca, percebe-se o conflito subjacente, de natureza muito mais espiritual do que o temor do castigo divino, do pecado ou do desconhecido. É um temor vital, que é muito diferente. O temor do castigo não é um problema: está dentro da dualidade estabelecida do bem e do mal. Mas o temor de enfrentar uma pergunta fundamental tem suas raízes na profundidade do ser, e mesmo como temor mantém viva uma incógnita que nos incorpora a uma realidade maior: rompe barreiras.

Em geral, enfocamos os problemas comuns e mesmo os conflitos humanos a partir de fora dos mesmos, como se fôssemos somente espectadores de um universo que nos exige aplicar soluções. Em troca, quando perguntamos pelo sentido situamo-nos dentro de um problema que envolve e transcende todos os demais. Questionamos inclusive nosso conceito do que é um problema e uma solução. E questionamos, acima de tudo, nossa própria vida, nossos objetivos e valores.

Para chegar à pergunta sobre o sentido temos que desprender-nos de nossa concepção dualista do mundo e da vida, dos opostos absolutos, do estabelecido, do correto, do prudente. Nossa preocupação fundamental já não consiste mais em definir a realidade, em dizer se é boa ou má, se nossa vida está ou não justificada. Buscamos a realidade que engloba e dá sentido a esse bem e a esse mal. Questionamos a vida em sua totalidade e, desse modo, tornamo-nos testemunhas de nós mesmos e do mundo. Compreendemos que as respostas prontas, as razões dogmáticas, as explicações que nos chegam de fora, são

somente defesas que utilizamos quando não temos coragem para sair do molde que nos protege, mas que também pensa e age por nós.

É comum interpretar os dogmas como exclusivos das religiões organizadas, mas na verdade é um limite que está dentro de nós e que projetamos sobre nossos sistemas de ideias e valores.

O dogma nos dá antecipadamente a solução do problema da vida e do mundo; ao definir a realidade nos dá uma base firme onde nos desenvolvemos. Desta maneira faz com que os valores que derivam dele sejam a verdade para nós. Aferramo-nos ao dogma por instinto de conservação, de segurança. Pensar por nós mesmos, atrever-nos a revisar as posturas fundamentais com que enfrentamos a vida é sentir-nos no vazio, perdidos na solidão.

Adotamos os dogmas já estabelecidos ou os criamos: religiosos, sociais, políticos. Mas não podemos evitar que, em algum momento, a própria vida se apresente diante de nós tal como é, despida dos artifícios com que a desfiguramos, livre de nossas estruturas e preconceitos. E diante dela perdemos nossos apoios e nossa segurança. Os valores que não são reais mostram sua inconsistência. *Sabemos* que teremos de enfrentar a nós mesmos e o mistério da vida sozinhos e diretamente, quaisquer que sejam os dogmas em que hoje nos apoiamos.

Todo dogma fixa o indivíduo e, desta maneira, isola-o de uma realidade que flui dinamicamente. Não interessa a natureza do dogma, se é materialista ou espiritualista, religioso ou científico; ele sempre cria estereótipos dentro de um limite que impede que nossa visão da vida flua rumo a uma visão mais ampla e completa.

Temos medo de sair fora do nosso abrigo de ideias pré-fabricadas, mas devemos perguntar-nos se a realidade do mundo de hoje nos permite ignorar este problema. Sem entrar na consideração dos absurdos de nossa época, sem apelar para o sentimentalismo que comove mas não move, olhemos para o que somos e para o que perseguimos.

Perguntar pelo sentido requer valentia; significa estar disposto a revisar profundamente os apoios sobre os quais construímos tudo o que somos e dispomos: nossos valores, nossas ideias e nossa vida. E essa valentia mostra que temos liberdade interior suficiente para revisar nossos objetivos e nossas aspirações.

Estamos correndo; não sabemos nem por que nem para onde. Detenhamo-nos, observemos, perguntemos. Em outros tempos somente o profeta e o filósofo eram testemunhas de sua época; hoje cada pessoa está comprometida com a humanidade e com o mundo. Já não nos sentimos justificados por testemunhos alheios; nossa necessidade não se satisfaz com uma razão intelectual e sim com uma realidade interior.

Vivo, e o simples fato de viver estabelece por si mesmo a pergunta acerca da vida. Ignorá-la, viver ausente, é dar as costas para a realidade fundamental de existir; é fugir da consciência de ser, mesmo quando esta consciência ainda seja obscura e enigmática.

Vivo e vivo em sociedade. Sou testemunha de minha existência e, ao mesmo tempo, da realidade que me circunda. Ao dar testemunho da minha necessidade interior de sentido dou testemunho desta necessidade no ser humano, em todos os seres humanos.

Toda resposta exterior a mim não é uma resposta; é informação. As soluções aprendidas, estudadas, já não são soluções para mim. São vozes de uma realidade que me é estranha e que não posso incorporar substancialmente a minha existência. As respostas resgatadas do passado, as teorias estabelecidas, estruturadas, não são respostas à minha pergunta. Tampouco orientam a minha busca nem assinalam o caminho a seguir. Cada um se aferra aos valores e estruturas que nossa época ainda não lhe tirou, mas também ninguém sabe o que fazer com eles, para onde ir. E quando não há um caminho claro, uma meta inquestionável, os sistemas entram em crise.

Mas uma crise é sempre sintoma de transformação, de uma tomada de consciência. Perguntamo-nos pelo sentido da vida como consequência de uma crise em nossa vida. Uma crise que nos confronta com nós mesmos e que não nos permite escapar.

É o momento em que a pergunta abstrata “Que sentido tem a vida?” se faz concreta e premente: “Que sentido tem *minha* vida?”.

Esta pergunta tem um alcance diferente. Porque não posso separar minha vida da vida. A individualidade – que não é o mesmo que individualismo – já não pode ser compreendida como uma realidade pessoal separada do todo social. Meu problema é sempre um aspecto particular indissolivelmente ligado a todos os outros conflitos humanos. Mas isto não comporta a busca de uma felicidade pessoal; minha preocupação fundamental se centra no ser mesmo, como sociedade, como humanidade, dentro do âmbito que lhe é próprio: o universo.

Isto nos fala de uma qualidade diferente de homem e de mulher, com uma consciência de ser que transcende os limites de sua pessoa e tende a expandir-se até abarcar um campo que até o momento não conseguimos delimitar.

2. AS RESPOSTAS CONTINGENTES

Ao buscar um sentido para existência nosso olhar se dirige para a história humana. Se analisarmos um pouco esta história talvez possamos encontrar uma orientação que aponte para um objetivo acessível a nossa compreensão. É evidente que existe um desenvolvimento ininterrupto do conhecimento que põe ao nosso alcance meios melhores para desenvolver nossas possibilidades. A humanidade sabe mais, tem mais, pode mais; e esta é nossa definição atual de progresso. Mas este conceito de progresso nos move para as seguintes considerações:

Primeiro: ter mais, poder mais, é ser mais? Segundo: a descontinuidade dos grandes ciclos históricos. Terceiro: a solução de continuidade dentro de uma mesma etapa histórica pela mudança sucessiva – por morte e nascimento – das gerações que a constituem.

Não faremos uma análise histórica do primeiro ponto. Este tipo de estudo não é o objetivo deste texto.

É evidente que a história da humanidade remonta para além dos poucos milhões de anos da parte que foi exumada pela arqueologia. Os vestígios das civilizações perdidas falam uma linguagem que não conseguimos compreender e aprofundam a incógnita. Que sentido tiveram estas civilizações? Só ficaram seus restos; nem sequer suas recordações. Isto torna nosso presente ainda mais dramático: vivemos sobre o fio de uma navalha; o mais leve erro no uso de nosso poder poderia significar o fim de uma fantástica estrutura de progresso material que se ergue hoje como o mais completo testemunho de nossa falta de equilíbrio e congruência. A notável civilização que hoje exibimos precisou de muitos poucos séculos para desenvolver-se. Quantos ciclos como este poderiam ter acontecido nas dezenas de milhares de anos que estamos sobre o planeta e *para quê?*

Se a finalidade da experiência fosse o progresso ininterrupto, a decadência e o fim deste progresso anularia o dito sentido, a menos que o final desta regressão signifique um ponto de partida mais avançado. Mas ainda não temos dados que vinculem nossa história com as civilizações que nos precederam e que conhecemos somente por alguns poucos restos e mitos que permanecem até hoje como desafios a nossa imaginação. Essas culturas nasceram e morreram como os seres humanos o fazemos, deixando para trás o mesmo rastro de mistério.

É comum associarmos o sentido da vida com a ideia de conseguir algo substancial, de alcançar um objetivo desejável, de alcançar o sucesso. Associamos a vida à ideia de triunfo; a morte, à de castigo e fracasso. Ainda hoje em dia consideramos a morte como o castigo máximo e a privação da liberdade – que é um modo de morrer vivendo – seu melhor substituto dentro de nosso sistema de sanções. Isto mostra o enraizamento com que vinculamos a morte com a ideia de um final adverso.

Então, morrer é fracassar? Quando a noção de transcurso da vida não consegue ser desconectada do par vida-morte, inclui em si a ideia de decadência em sua acepção literal de declínio até a ruína. Se todo devenir acaba em decadência, acaba também com seu sentido.

Se observarmos nossa civilização atual, é obvio que ela nos mostra um ritmo cada vez mais acelerado na aquisição do conhecimento, o qual se traduz em um poder crescente. Embora ainda não consigamos distinguir para onde nos conduz este desenvolvimento, podemos supor que seu fim será o esclarecimento de todas as incógnitas que hoje nos agoniam? No entanto, dentro desta linha de progresso se destaca a descontinuidade marcada pelas gerações que se sucedem.

No *continuum* da história todos morremos. Cada indivíduo fracassa, aparentemente, para que a humanidade triunfe. Embora a sociedade humana, considerada como uma unidade, pressuponha uma finalidade implícita, essa sociedade está constituída por indivíduos-partícula, destinos temporais finitos sem uma continuidade individual evidente. Não podemos justificar nossa vida se nossa morte significa ser subtraído do *continuum* histórico-social, se desaparecemos da cena e da ação que é, precisamente, a humanidade e sua história.

Não interessa neste momento considerar as distintas teorias e doutrinas que explicam a morte como um passo no *continuum* da existência, mas ater-nos ao fato de que a morte, em suas consequências objetivas, tira-nos do *continuum* histórico-social, esse âmbito que condiciona e provoca nossa pergunta pelo sentido.

Ainda que suponhamos que realmente existe justificativa histórica para o indivíduo, de que maneira cada indivíduo adquire sentido como uma unidade em si mesma *e sua vida particular como experiência única e essencialmente intransferível*, dentro de uma sociedade que lhe é estranha desde o momento que o substitui por outro indivíduo que o sucede? Será válido pensar que cada indivíduo morre para que a sociedade viva?

Podemos apelar para teorias que tentam explicar estas contradições. Mas se nos atemos estritamente aos conhecimentos evidentes, a história não responde a nossa pergunta sobre o sentido. Cada qual é *uma* história dentro *da* história; o drama ocorre na *sua* história, não *na* história. O estudo deste problema é a análise de uma angústia. Porque quando nos perguntamos sobre o sentido da vida, não o fazemos sobre a vida em geral; perguntamos que sentido tem nossa vida.

Cada um de nós toma consciência da vida somente através de *sua* vida. Se bem que intuímos que a vida tem um sentido e nos esforçamos incansavelmente para alcançá-lo, não conseguimos demonstrar que nossa vida tem um sentido evidente; morremos demasiadamente cedo, antes que toda a experiência que recolhemos frutifique. Desaparecemos precisamente quando recém aprendemos a viver. Como uma flor que murcha antes de abrir-se completamente.

A história, então, não dá uma resposta evidente; impressiona-nos como uma experiência na qual não nos destacamos a menos que nosso nome apareça em suas páginas; e mesmo quando nos destacamos em algumas destas páginas, já não estamos presentes para lê-las. Cada civilização é uma unidade orgânica, com suas leis, seus períodos, suas ideias diretrizes e seu ritmo de crescimento e decadência. Reflete em outra dimensão a vida do indivíduo. *Tem seu próprio tempo e ritmo, distinto do tempo do indivíduo, e esta diferença separa os processos vitais deste dos daquela, enquanto simultaneamente se integram todas as experiências individuais em um único movimento, como a onda que resume em si as gotas que a formam.* Mas as gotas humanas têm consciência de sua existência, têm vida individual e passam por uma experiência pessoal.

É difícil imaginar o incrível número de experiências individuais dos bilhões de seres humanos ao longo das gerações nas sucessivas culturas e civilizações. Se observarmos ao mesmo tempo que, para além do nível de desenvolvimento de uma civilização, as experiências próprias da vida humana – o amor, os sonhos, o esforço, a dor, aquelas que são independentes da época por serem inerentes ao ser – não diferem em grande escala através do tempo, não podemos deixar de perguntar-nos: poderá a experiência de vida de um indivíduo servir para outro indivíduo?

Quando comprovamos que nosso estado interior de violência e a própria violência como atitude preponderante para solucionar os problemas humanos, longe de ser superada conforme o sonho de humanistas e pensadores românticos, destaca-se cada vez mais como o símbolo de nossa época, perguntamo-nos: qual é a diferença que o progresso produziu em nós em relação a nossos antepassados nesse aspecto, ou seja, em que medida a experiência de uma sociedade se transmite ao indivíduo em particular. Somos hoje, *interiormente*, a mesma criatura primitiva só que localizados dentro de um meio mais eficiente, no qual nossas grandezas e misérias se tornam mais evidentes?

Transformamos a face da Terra, o caudal de possibilidades e conhecimento material cresce sem cessar; mas estas coisas não nos deram um sentido e nem sempre nos ajudaram a transmutar nossos impulsos. Conseguimos apreender algum ensinamento da história? E se fosse assim, onde estão seus frutos vitais?

Se o indivíduo – na realidade o protótipo, porque esse indivíduo é sempre outro, diferente, somente uma continuação ideal – sofresse uma evolução pessoal, qual é o propósito da mesma? A morte? O que é a morte do ponto de vista da evolução e do desenvolvimento das possibilidades do *um* ser humano? Embora a história humana nos mostre uma orientação rumo ao desenvolvimento de possibilidades, de maneira nenhuma dá elementos para justificar a vida particular, a de cada indivíduo, dentro do curto lapso em que este aparece no contexto social. Não justifica *sua* vida, a única que nos importa neste momento. Somente mostra infinitas soluções de continuidade, a morte irremediável de cada um de nós que assim mantém viva uma história impessoal e ausente.

Nem a história nem *nossa* história dão respostas capazes de preencher o vazio deixado por uma pergunta fundamental.

Permanece ainda outra questão. A vida humana não é a única possibilidade de existência inteligente no universo; o provável é que seja somente uma entre muitas. A história não revela nenhum contato nosso com o universo; não nos relaciona com o cosmo, somente com nós mesmos. Sendo nosso campo de observação tão restrito, podemos descobrir algum sentido? Se a vida humana adquirisse sentido ao localizar-se dentro de um âmbito de existência mais amplo que abarque o universo como o verdadeiro mundo do ser humano, permaneceriam vigentes os valores atuais? Quais são, realmente, os valores universais que regem o desenvolvimento humano? *De que maneira se justificariam os valores de hoje dentro de um contexto maior que o presente, quando nossas fronteiras mentais transcendam nossos limites atuais e nos permitam localizar-nos cosmicamente?*

A história não dá e nem é resposta a nossa pergunta.

Passemos para a fé.

Não nos move a intenção de criticar o objeto de nossa fé, mas analisar nossa maneira de crer.

A história nos ensina que toda fé, simples em sua origem, com o tempo transforma-se em crenças que depois dão lugar a religiões organizadas e diferentes grupos espirituais, e que toda crença está determinada pelas limitações dos indivíduos que a professam.

As crenças nos dizem que as verdades últimas da existência, que hoje estão além de nossa compreensão, podem ser alcançadas pela alma que atualiza suas mais altas possibilidades espirituais. O que resta para todos aqueles que ainda não alcançamos essa graça?

As crenças sempre tentaram justificar a realidade; crer é uma necessidade interior nossa. A fé é o que sustenta a nossa vida. Toda pessoa crê em algo: Deus, sucesso, dinheiro, ideais e esta fé é o motor de sua existência.

Nas crenças, então, a fé simples vai se transformando em sistemas de ideias; estes sistemas se transformam em estruturas mais ou menos rígidas que depois se constituem em objeto de fé. A fé se transforma em crença; a crença explica a realidade.

Explicar a realidade não consiste unicamente em localizar de forma teórica a existência do ser com os acontecimentos de sua vida, seus problemas e sofrimentos no âmbito da realidade; também é fazer julgamentos sobre o que não sabemos ainda: o desconhecido. Quando nos atribuímos o direito de definir o que *sabemos que não conhecemos*, corremos o risco de enganar-nos redondamente. E o risco de errar, como é público, é contrabalançado depois com o endurecimento dos esquemas, com a rigidez dos princípios, terminando no final em conflitos que todos temos que expiar. Isto é evidente ao longo de toda a nossa história.

Para explicar os mistérios de seu tempo, os indivíduos de outras épocas partiram dos conhecimentos parciais que haviam alcançado – tal como fazemos agora – e explicaram a seu modo, como puderam, de acordo com os limites de seus conceitos, o que a mentalidade daqueles dias não conseguia entender. Mas quando dogmatizamos sobre o que não conhecemos confundimos a revelação divina universal com uma verdade natural; colocamos no campo da revelação o que amanhã estará no domínio da razão. Colocamos o limite entre o divino e o natural muito próximo de nós; materializamos e humanizamos o divino. É assim que o desenvolvimento de nosso conhecimento nos força a deslocar esse limite que, com grandes conflitos e dores, vamos empurrando cada vez mais para trás.

Ao longo de nossa história temos mesclado o divino com o humano, seja divinizando o humano ou humanizando o divino. Também temos confundido sobrenatural com divino, atribuindo caráter divino a percepções que apenas estão um pouco além de nossos sentidos. Quando por vaidade nos inclinamos a dogmatizar nos enganamos sempre, porque dogmatizar sobre o que se desconhece é dogmatizar sobre o futuro, e o futuro traz o não conhecido ao campo do conhecido. Além disso, ao pretender delimitar o futuro também determinamos nossas possibilidades potenciais e negamos assim a faculdade de orientar nosso destino. Entre este momento e o amanhã há um lapso de vida que age sobre este amanhã. Fazer um dogma de nosso futuro é negar-nos a possibilidade de transformar-nos e a liberdade de atuar sobre a vida através do tempo.

Não vale a pena definir neste momento se nosso destino está sujeito ao determinismo ou se realmente possuímos livre arbítrio; seria começar a dogmatizar. O certo é que a experiência nos ensina que o curso da vida está sempre para além da visão que temos do futuro. Em outras palavras, que as possibilidades reais de um dado momento sempre transcenderam o voo da imaginação desse momento. Não aprendemos a imaginar uma realidade diferente; habituamo-nos a projetar sobre o futuro nossa realidade atual à qual somamos os adiantamentos que cremos que sejam possíveis. Não conseguimos conceber uma outra realidade. E nosso presente, em relação às etapas anteriores, é *outra* realidade, inimaginável há poucos séculos atrás. Quando o futuro se fez presente nunca se ajustou aos dogmas anteriores: transcendeu-os.

Na medida em que as crenças se tornaram rígidas e substituíram a fé simples pelos dogmas objetos da fé, separaram-se do caminho da vida e seguiram sendas diferentes.

Quanto mais o tempo transcorre, mais profundo é o conflito entre a realidade e a verdade feita dogma. A evolução homogênea do dogma não é uma saída; se o dogma tem que transformar-se porque o avanço do conhecimento obriga a esta mudança, é uma ideia que persegue a vida; uma força que freia ao invés de impulsionar. Quando a reforma é feita de forma forçada por uma realidade que não se ajusta a preconceitos, essa adaptação do dogma não fecha o abismo entre a vida, que é dinâmica, e os conceitos estáticos sobre essa vida.

Os sistemas de crenças sofrem continuamente o choque entre seus dogmas e a revelação natural da realidade através de nossos conhecimentos e experiências diretas. E para persistir, sempre tem que sacrificar a crença.

O conflito entre a religião e a ciência não é em si importante. O que realmente é necessário considerar é que este conflito se transforma em uma luta interior naquele que crê, o que é de sua religião versus o que é da ciência.

Um conflito teórico, abstrato, é hoje o problema vivo do indivíduo que crê e pensa.

Não cremos porque cremos; cremos porque vivemos. Viver é um ato de fé.

Não importa agora discutir aquilo em que cada um de nós crê; nossa fé é nosso apoio, tanto se a elegemos conscientemente como se a aceitamos por termos nascido nela. E quando nossa fé íntima se debilita temos um profundo conflito. A evolução homogênea do dogma não pode ser uma solução quando a raiz da dúvida já está dentro de nós. Tampouco é uma saída trocar um credo por outro; seria somente trocar de contexto um conteúdo da mesma natureza do anterior.

Além disso, podemos substituir uma incógnita com uma explicação sem por isso esclarecer a incógnita. Uma explicação lógica não é uma resposta a uma pergunta que não tem por que enquadrar-se dentro da lógica convencional. Se perguntamos pelo sentido da dor não o fazemos para que nos deem razões sobre a mesma, mas porque ansiamos acabar com nossa dor. Neste momento não é a lógica o que nos interessa, é a dor.

O dogma tampouco busca sempre explicações lógicas; diz o que é necessário crer. Apresenta respostas, mas não responde.

Passemos para a ciência.

A ciência não tenta atualmente dar uma resposta. Ela nasceu por detrás das costas dos dogmas, às escondidas das crenças e segue um caminho próprio. Chega humilde, reconhece suas limitações. Sabe que não sabe, e sabe também que não conta com recursos que lhe permitam pontificar sobre o destino humano. O que faz então? Limita-se a investigar o que acontece.

Quando se indaga livremente, sem ideias feitas, sempre se descobrem novas vias de desenvolvimento. A possibilidade de aprender está no conhecimento da realidade objetiva. A ciência renuncia de antemão a descobrir um para quê. Ela não se pergunta sobre o sentido da realidade mas somente como é.

Ao substituir o *para que* pelo *como*, ela delinea um método de conhecimento. Ao não encastelar-se em conceitos prévios admite – teoricamente – que tudo é possível. O dogma diz: “o possível é isto”. Ao fixar um enunciado como verdade definitiva circunscreve-se dentro de um círculo do qual não pode sair. A ciência, ao admitir que tudo pode ser, desenvolve-se rapidamente a tal ponto que já perdemos a capacidade de assombrar-nos. No

entanto, ela ainda não consegue livrar-se do complexo com que nasceu. Ela nasceu em oposição ao dogma, em reação a ele. Esta marca de origem torna-se visível no preconceito existente contra experiências subjetivas, sem dar-nos conta de que toda reação por preconceito é uma negação da atitude científica, cuja base consiste em que tudo está dentro do possível. Não encontrar, no momento, uma explicação aceitável indica que o juízo deve manter-se em suspenso, enquanto se avança na investigação. Admitir todas as possibilidades não é o mesmo que não aceitar nenhuma até que se torne evidente.

Em realidade não é a ciência mas a atitude que assumimos diante de nossas possibilidades interiores que assinala esta contradição. É claro que atualmente todo preconceito é qualificado como ignorância; não obstante, são poucos aqueles que estão livres de ideias prévias sobre o que não conhecem. A ciência nos deu – e continua dando – muitas respostas notáveis, mas ainda não tem uma para nossa pergunta. Inclusive o conhecimento maior que hoje temos do mundo e de nós mesmos não nos deu uma vida espiritual melhor. Pelo contrário, a angústia de viver é cada vez maior.

A ciência certamente não ignora a pergunta sobre o sentido; ela o carrega consigo ainda que às escondidas. Do ponto de vista científico, o fato de não fazer uma pergunta fundamental revela as suas ainda profundas limitações. Esta situação torna-se suportável pela suposição de que o desenvolvimento do conhecimento e dos meios de investigação levará no final, por si mesmo, ao entendimento do mistério da existência e de seu sentido último.

O fato de encobrir-se a vigência da pergunta sobre o sentido mostra um dogma de nossa época; somos conscientes de nossa debilidade frente às perguntas fundamentais.

Explicar a bomba não é dar sentido à destruição para a qual foi concebida. O adiantamento científico de hoje, justaposto a uma sociedade carente de recursos verdadeiramente espirituais, gera os resultados monstruosos de nossas contradições. Quando o desenvolvimento é unilateral, os frutos são deformações trágicas da condição humana.

A ciência não proporciona resposta. Onde podemos buscar então?

Olhemos com atenção para fora, para o mundo. Mas não fixemos a atenção na cidade, no movimento, nos problemas de todos os dias. Vamos além, observemos o universo e sua imensidão evidente, cuja realidade pode prescindir do ser humano, de suas perguntas e de seus problemas.

Somos capazes de predizer com extraordinária precisão os movimentos dos planetas, mas não estamos em condições de fornecer informações a respeito da humanidade, sua conduta e seu destino. O mundo em que vivemos se mostra tão inapreensível que pode prescindir de nós, criaturas imprevisíveis, que não se ajustam a leis razoáveis. O fato de encontrarmos ou não uma resposta a nossa pergunta não parece alterar a realidade do cosmos nem as leis de um universo que ignora nossa angústia e não tem resposta para nós. Diante da magnitude do universo, meu problema existencial, minha pergunta sobre o sentido, reduz-se a uma

dimensão insignificante, mas também se faz profundamente dolorosa. Perguntar ao cosmos é saber que somente responderá o eco de minha própria angústia.

O universo não dá resposta. As crenças dão como resposta seus dogmas. A ciência não toca no problema. A sociedade desfigura a pergunta, desnaturaliza-a com valores superficiais e interesses imediatos.

O que resta então?

Resta-nos perguntar à própria vida.

Mas, a que vida eu pergunto? A *vida* é hoje, uma abstração para mim. Meu eu se constitui num limite que separa a vida de minha vida, que diferencia a realidade que percebo dentro de mim daquela que se manifesta fora de mim. Ainda não consegui viver a vida como um fenômeno interior-exterior, único e indivisível. Sinto, experimento interiormente, ou observo e experimento exteriormente. É claro que sempre existe um vínculo entre uma experiência exterior e as reações interiores, mas esta relação estabelece ao mesmo tempo uma conexão e uma profunda diferença. A capacidade de orientar minha percepção revela as duas faces em que a realidade se mostra para mim e que no final se distinguem em duas realidades: o exterior e o interior; o mundo e o ser; o objetivo e o subjetivo. E dentro desta dualidade de mundo e ser, de existência objetiva e de vida subjetiva, as respostas são muito difíceis de descobrir.

Além disso, este dualismo na noção de ser origina uma luta, porque não é incomum que a realidade interior não se enxerte adequadamente no mundo exterior. Alguns de nós nos adaptamos com relativa facilidade às circunstâncias e aos fatos sem alterar profundamente o que somos; outros não conseguimos isso facilmente.

O conceito que temos hoje em dia de normalidade nos exige uma adaptação rápida e espontânea; ser inadaptado é praticamente sinônimo de desequilíbrio. Caberia perguntar-nos se não seria mais lógico fundamentar o equilíbrio na harmonia interior-exterior em vez de tomar como padrão a adaptação a um meio externo que na maioria das vezes se mostra como uma distorção absurda, contraditória e dramática do conceito de equilíbrio e harmonia. O certo é que os dois modos de ser de nossa realidade – interior e exterior – determinam uma luta pelo equilíbrio e assinalam assim uma dicotomia que acrescenta mais questões a minha pergunta sobre o sentido.

E não obstante pergunto; não posso deixar de fazê-lo. Ainda que me encontre totalmente às escuras em minha busca tenho que deixar de fugir, impedir toda saída e possibilidade de escapar. Reconhecer que estou às escuras já é um bom ponto de partida. E me sinto às escuras apesar de tudo o que ouvi e li; apesar dos progressos na investigação da pessoa e sua conduta; da infinidade de textos de psicologia, pedagogia e filosofia. Nenhum me ensinou a buscar livremente dentro de mim; somente aprendi a investigar a partir do exterior. Quero saber como é um motor: pego as ferramentas, desmonto-o, monto-o, faço-o funcionar. Mas interiormente encontro-me sem ferramentas, sem método nem manual para guiar-me.

Posso sair por aí e mostrar o grande caudal de conhecimento e experiência acumuladas pelas ciências sociais e humanas; mas, neste momento, para mim a psicologia, a filosofia e os outros ramos do conhecimento pertencem ao mundo exterior, um mundo que me informa sobre uma realidade que é estranha à minha realidade.

Para o acadêmico o paciente é um objeto, como a rocha para o geólogo. É evidente que o indivíduo, como objeto, dá respostas. Mas, qual é a resposta que dá como sujeito? Apesar das concepções das diferentes ciências modernas, as teorias racionais ou a experiência alheia não nos servem para conhecer em profundidade nosso mundo interior.

E aqueles poucos que disseram ter alcançado uma realização interior do mistério da existência não conseguiram nos explicar seu conhecimento essencial; deixaram-nos sozinhos frente a nós mesmos.

As modernas técnicas de investigação psicológica e neurológica não nos ajudaram a desvelar o porquê de nossa existência. Saber como funcionam os mecanismos mentais, o subconsciente, os reflexos, os complexos, as motivações, não nos converte *per se* em seres realizados, por mais especialistas que possamos ser no tema. Avançamos muito pouco no conhecimento da origem e finalidade do ser humano como tal. Descrevemos os problemas interiores segundo os postulados das diferentes escolas, mas não temos respostas para as perguntas do ser. As explicações e teorias nos servem para tentar compreender o funcionamento dos processos interiores; mas não são a resposta que cada um de nós espera para satisfazer sua necessidade interior de plenitude e sentido. O fato de explicar um problema não significa que o entendemos em toda a sua profundidade. As explicações referem-se apenas a aspectos contingentes da realidade, e o que necessitamos é um conhecimento que vá além. Embora conheçamos como agem nossos mecanismos de defesa e o porquê de nossos complexos, ainda não sabemos quem somos nem para onde vamos.

3. A RENÚNCIA E O SENTIDO DA EXISTÊNCIA

Perguntar pelo sentido da existência é introduzir um problema de natureza diferente dos que estamos habituados a resolver. Não nos coloca diante de um desafio da natureza, de uma dificuldade que podemos enfrentar diretamente, investigar, sabendo que com tempo e esforço suficientes obteremos um resultado preciso. Não podemos abordar a natureza como um objeto ao qual se pergunta sobre seu sentido, e sabemos que perguntando a outros tampouco encontraremos o que buscamos. Descobrimos então que não há nada que possamos fazer, nada que eliminar, desarmar, investigar, procurar: nada. Não há um objeto sobre o qual projetar nossa pergunta para extrair uma resposta.

Não perguntamos sobre uma coisa mas sobre o significado de toda nossa realidade. Não temos pontos de apoio sobre os quais basear uma investigação. A realidade é cada um de nós, o que nos rodeia e também nossas perguntas e buscas. Como não contamos com um apoio que dê segurança a esta busca, nossa consciência é sacudida pelo encontro com uma realidade que não podemos apreender. A consequência desta comoção interior é uma mudança em nossa localização no que diz respeito à realidade; é uma abertura que implica a queda dos limites definidos por nossas ideias prévias, estruturas dogmáticas que deformam nossa visão do mundo e da vida e bloqueiam a passagem para uma consciência mais profunda de ser e conhecer. Ao atrever-nos a questionar todas as respostas com que contamos, saímos do enquadramento em uma concepção estática da vida e entramos em um estado de consciência mais amplo, menos contingente, uma vez que nossa pergunta não é produto de uma inquietude racional, mas surge como consequência da totalidade de nossa percepção.

Compreender que a pergunta que formulamos é de uma ordem diferente das habituais já é dar um passo adiante. A ordem de “que sentido tem a vida?” não é a mesma que “o que vamos comer no almoço?” Então a ordem da resposta “hoje comemos guisado” não serve para dizer “a vida tem tal sentido”.

É que na maioria das vezes, quando perguntamos pelo sentido da vida, estamos pedindo para nossa vida uma ordem de resposta como a de “hoje comemos guisado”.

Nossa consciência da questão da existência não é profunda e vital; por isso verbalizamos de forma contingente uma pergunta que é fundamental. Não perguntamos movidos por uma necessidade existencial de sentido, mas por reação frente a problemas e dores que não nos sentimos capazes de suportar. Queremos encontrar uma explicação que nos satisfaça, que nos console, que acabe com nossa angústia pessoal e com nosso sofrimento. Buscamos uma resposta-tampão; algo, qualquer coisa que seja, que preencha nosso vazio momentâneo até que possamos retomar um ritmo que nos envolva de tal modo que nossa pergunta se dilua numa vaga lembrança de um momento que desejamos apagar. Embora sejamos capazes de repetir como as crianças quando lhes ensinamos um canto: “repetam comigo: que sentido

tem a vida?”, da mesma forma que estas crianças, não estamos realmente fazendo esta pergunta.

É que toda pergunta essencial é uma tomada de consciência ou, pelo menos, um desenvolvimento da consciência que já temos. Esta transformação se expressa em um enfoque diferente da vida e, portanto, uma mudança concreta em nossa forma de vivê-la. Porque quando perguntamos sobre o sentido da vida não estamos buscando uma contestação mas uma resposta não verbal, permanente. Não sabemos ainda como se expressará, mas sabemos que o fará *em nós*. Buscamos uma resposta-consciência. Quando perguntamos essencialmente tomamos consciência de nossa necessidade interior e então esta necessidade se faz vital. Somos plenamente conscientes, talvez pela primeira vez, de nossa falta de realização e plenitude.

Quantas vezes dissemos a nós mesmos “tenho que sair, distrair-me, divertir-me”? Mas não porque nos sintamos carentes de plenitude; somente somos conscientes de nosso aborrecimento, do tédio, do fastio. Mas quando nos atrevemos a questionar nossa própria existência tomamos consciência da plenitude que não temos e que necessitamos realizar como a própria essência de nossa vida. E a resposta será diferente porque perguntamos de maneira diferente; nossa pergunta expressa em palavras a necessidade fundamental de nossa alma. E quem faz essa pergunta, *deste modo*, já é diferente.

Quando não buscamos uma solução de compromisso mas nos perguntamos como o estamos fazendo agora, renunciamos a apoios que nos permitem viver com uma certa soltura. Por exemplo, renunciamos a nossas ideias feitas e às diversas formas em que não assumimos nossa responsabilidade pelos problemas que sofremos nem pelos que produzimos nos demais. Renunciamos a nos justificar e especialmente a nos defender.

A pergunta sobre o sentido faz com que nos sintamos atacados, não por quem a formula mas pela pergunta em si mesma, que é como um dardo que se crava em nossa certeza de que estamos realizando alguma coisa em nossa vida.

Mas ao renunciar aos apoios que nos faziam sentir que nossa vida estava justificada, ao sermos capazes de ver-nos a partir de fora, deixamos de considerar nossos problemas pessoais como se fossem os primeiros e fundamentais da existência. Renunciamos a ser o centro do problema existencial; deixamos de ser o sujeito em uma existência que tem mais de um sujeito.

E aqui estamos, estimado leitor.

O que temos feito?

Presumo que estivemos pensando juntos.

Que estivemos perguntando juntos.

Compreendemos que esta pergunta é de natureza diferente.

E, analisando as fontes que poderiam responder-nos fomos caindo, pouco a pouco, para dentro de nós mesmos.

Compreendemos que nenhuma resposta exterior a nós é resposta.

Isto significa uma tomada de consciência.

Significa também uma mudança de atitude, porque nos despojamos de nossos pontos de apoio.

Renunciamos aos valores que nos davam uma posição cômoda na vida.

Quando renunciamos aos valores, não o fazemos para descartá-los mas para conhecê-los.

Renunciamos a defender-nos.

Renunciamos a considerar nossos problemas pessoais como os primeiros e fundamentais problemas.

Renunciamos a ser o centro do problema existencial.

Ao renunciar à segurança que nossa postura frente à vida nos dá, ao renunciar à segurança que obtemos ao refugiar-nos em ideologias e crenças que nos impedem de enfrentar a realidade de nossa existência, rompemos barreiras interiores e estendemos nossa consciência de ser para além dos limites de nosso eu.

Este é o primeiro passo da renúncia, aquele que nos assenta sobre nossos próprios pés e nos ensina a viver sem apoios exteriores: o sucesso, o brilho, as coisas, todo o que é exterior a nós.

E também revela uma *vocação de sentido*, uma vocação que coloca a necessidade de desenvolver a consciência acima de todos os outros objetivos.

A *vocação de sentido* é a condição da resposta a “Que sentido tem a vida?”

Não podemos encontrar sentido em nossa vida se não estamos dispostos a deixar algo para alcançá-lo.

Não podemos sair de onde estamos se não deixamos a poltrona de nossa casa.

Sabemos de antemão que ninguém pode *dizer-nos* qual é o sentido da vida. Precisamos abandonar a atitude de esperar que o que precisamos nos venha de fora. A resposta somente pode surgir de nós mesmos, não como uma explicação dialética mas como um estado de consciência. Isto significa estar dispostos a uma revolução interior. A trabalhar dentro de nós mesmos.

Para isto precisamos, como assinalamos, renunciar.

Mas, o que é renunciar? Assusta-nos a palavra? Talvez pensemos que nos pedirão algo que nos pertence e fechamos com chave todas as nossas portas.

Se para nós renunciar significasse dar algo, continuaríamos a nos mover dentro dos pares de opostos do dar e receber; faríamos da renúncia o melhor negócio, porque assim pagaríamos pelo sentido da existência.

Renunciar significa transformar-nos de dentro para fora.

Somos generosos; sabemos dar e gostamos de dar. Sentimos que fazemos o bem e boas obras. Mas, nesta atitude, dar tem um sentido possessivo.

Somos quem somos, donos de nossa vida e de nosso destino; donos de nossas convicções e de nossos bens. E *essa identificação total com as coisas faz da nossa vida uma coisa*; assim não podemos ter plena consciência de viver, do que fazemos e buscamos.

Vimos que não somos donos nem do tempo, nem do mundo, nem da história.

Quando renunciamos às ilusões com que temos vivido, a vida tem outra linguagem para nós. Descobrimos a humanidade, a sociedade e o mundo dentro de nós mesmos.

Antes nos informávamos sobre o mundo; agora *somos* este mundo.

É evidente que as perguntas que temos feito não necessitam deste texto para serem formuladas. Não são perguntas deste nem de outro texto; são perguntas que a vida nos faz.

São as que só podemos responder com nossa vida.

Porque assim como nós perguntamos o sentido da vida, a vida nos pergunta: “O que você vai fazer com sua vida?”.

Então, podemos começar por:

Sair de nossas ideias feitas, de nossos preconceitos, das divisões através das quais transformamos em partes a unidade que é a vida.

Mudar a maneira de enfocar nossos problemas.

Renunciar a considerar-nos o centro do universo.

Conviver com a realidade que nos circunda; participar.

Renunciar à prisão mental em que nos refugiamos para não ver o que está acontecendo.

Tomar consciência através da renúncia.

A cela que nos encerra só se abre por dentro. A vida não pode ter sentido se cortamos a parte que cremos nossa para vivê-la a nosso modo, de forma ilhada e oposta à vida.

A vida muda substancialmente quando aceitamos seu desafio; e nosso destino torna-se inimaginável.

Através da renúncia participamos do ser humano, do mundo, da vida.

Pela renúncia chegamos à paz que não se ausenta do mundo mas que vive no mundo, comprometida interior e exteriormente com a vida.

Pela renúncia invertemos os termos: “tomo contato com a vida através de minha vida” converte-se em “tomo contato com minha vida através da vida”.

A renúncia nos mostra que a avidez por possuir é um instinto que nos submerge nas coisas e faz de nós uma coisa a mais.

Quantas vezes nos escutamos dizendo: “Se eu pudesse sair de meus problemas, se eu pudesse deixar de pensar tanto em mim!”.

Podemos alcançar isso na medida em que compreendermos que nosso problema é o problema da humanidade e se expressa em cada um de nós como problema humano.

Podemos alcançar isso na medida em que aprendermos a considerar nossos conflitos só como um ponto de contato e de apoio para compreender a própria humanidade.

A renúncia nos dá a distância necessária para compreender-nos e compreender.

Expandamos, então, nossa noção de ser.

Para uma viagem através do cosmos o astronauta renuncia à segurança de sua casa sobre a Terra.

Esta é a imagem da trajetória que temos que percorrer.

Desta renúncia nasce uma compreensão melhor de nós mesmos e de nosso lugar no mundo.

A renúncia nos ensina que o verdadeiro amor não se mostra somente em dar, mas em *dar-nos*, que o problema do mundo é nosso problema, está em nós.

Se preferimos voltar a encerrar-nos, a isolar-nos do mundo, a viver nossa vida e nossos problemas, *não perguntemos pelo sentido da existência*.

Se fugimos do mundo e da vida, a vida não tem resposta para nós.

Mas se renunciarmos a esta covardia mental, se renunciarmos a isolar-nos como entes separados e opostos ao mundo, a vida e o mundo se revelarão em nossa consciência.

Esta tomada interior de consciência abre novas possibilidades. A renúncia nos faz nascer para o mundo interior e, sobretudo, ensina-nos que a realização que buscamos é um estado mais amplo do que alcançar uma felicidade ou plenitude pessoal.

E nos faz compreender muito profundamente que teremos que aprender uma nova linguagem para expressá-lo.